ALEMÃES NO EXTREMO SUL BRASILEIRO: NOVAS LEITURAS DA COLONIZAÇÃO E PERSPECTIVAS PARA UMA HISTORIOGRAFIA A PARTIR DO SUL DO RIO GRANDE DO SUL

GERMANS IN THE EXTREME SOUTH OF BRAZIL: NEW INTERPRETATIONS OF COLONIZATION AND PERSPECTIVES FOR A HISTORIOGRAPHY FROM THE SOUTH OF RIO GRANDE DO SUL

Patrícia Bosenbecker[1]

RESUMO

A região sul do Rio Grande do Sul é múltipla, quando se trata de imigração, tendo recebido alemães, irlandeses, franceses, italianos, poloneses, portugueses, entre outros, em períodos distintos, tanto em imigração urbana quanto na colonização, que fixou centenas de colonos pela Serra do Sudeste, divididos pelo Rio Camaquã, em dois locais (Serra do Herval e Serra dos Tapes), e que hoje é mais conhecida pelo termo geo-turístico Costa Doce. Com foco na colonização de alemães e pomeranos, se destacam colônias estatais e privadas, com ênfase em São Lourenço, a maior delas, e, a partir dessa, se espalham pela região. Tratamos ainda de observar as novas pesquisas sobre identidade, cultura, religiosidade e patrimônio da imigração alemã-pomerana. Este trabalho é, portanto, uma tentativa de construção de uma historiografia alternativa da imigração alemã, a partir do sul do Rio Grande do Sul, buscando delimitar as principais características contidas nas obras publicadas nos últimos anos, sobre a temática.

Palavras-chave: Historiografia; Colonização; Alemães; Região sul.

ABSTRACT

The southern region of Rio Grande do Sul has a multiple immigration situation, receiving Germans, Irish, French, Italians, Poles, Portuguese, among others, in different periods, both in urban immigration and colonization, which settled hundreds of settlers in the Serra do Sudeste, divided by the Camaquã River into two locations (Serra do Herval and Serra dos Tapes),

1 Possui graduação em História Bacharelado pela Universidade Federal do Rio Grande/FURG (2007), mestrado em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS (2011) e doutorado em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS (2017), com doutorado sanduíche realizado na Ruhr-Universität Bochum, Alemanha. Tem experiência na área de sociologia histórica, com ênfase nas migrações internacionais. Investigou em sua tese de doutorado o empreendedorismo de imigrantes alemães estabelecidos no Brasil, em sua trajetória familiar transgeracional. Desenvolve pesquisas sobre colonização no Brasil, especialmente sobre imigrantes alemães e colonização privada. Tem experiência em pesquisa documental, especialmente referente aos séculos XIX e XX, utilizando também métodos de pesquisa da genealogia.

and today is known by the geo-tourist term Costa Doce. Focusing on the colonization of Germans and Pomeranians, they stand out in state and private colonies, with an emphasis on São Lourenço, the largest of them, and from there, they spread throughout the region. We also try to observe new research on identity, culture, religiosity and heritage of German-Pomeranian immigration. This work is, therefore, an attempt to construct an alternative historiography of German immigration from the south of Rio Grande do Sul, seeking to delimit the main characteristics contained in the works published in recent years on the subject.

***Keywords**: Historiography;. Colonization; Germans; South.*

INTRODUÇÃO

O bicentenário da imigração alemã no Brasil tem suas comemorações delimitadas a partir da chegada dos primeiros alemães à Colônia São Leopoldo, como parte de um projeto político de colonização do solo nacional, ainda durante o Primeiro Reinado, em 1824. A instalação dos alemães na colônia, há 200 anos, marcou a configuração da migração de europeus ao país, inaugurou uma condição agrária específica do sul brasileiro, e contribuiu para a formação de um conjunto histórico, social e econômico que transformaria a então província do Rio Grande do Sul. As transformações no Rio Grande do Sul eram, assim, orquestradas ao norte da província, e incluíam a formação de uma indústria de produtos coloniais, com o investimento de capital excedente – de vendeiros ou empreendedores das colônias – na urbanização e industrialização daquilo que hoje chamamos região metropolitana, e do crescimento do comércio, com visíveis marcas de progresso, no final do Império, como linhas de trem, por exemplo. De tal forma que, em algum momento da virada do século XIX para o XX, o lado norte da província tomava do sul o posto de mais importante, isto é, tomou espaços políticos antes restritos aos gabinetes pelotenses, fez frente à economia da chamada indústria do charque, assumindo a condução do desenvolvimento econômico do Rio Grande do Sul, e quase tirou da cidade de Rio Grande o principal porto do sul do país.

A historiografia, no âmbito dos estudos migratórios abordou, leu e releu tal processo mais pelo norte que pelo sul gaúcho, e, assim, seja pela historiografia, seja pelo imaginário, temos a certeza de que o sul perdeu algo. Mas, quando pensamos em imigração alemã no sul do estado, uma série de lacunas ainda permanece, tanto sobre o processo migratório em si quanto sobre o papel da imigração alemã na conjuntura política, econômica e social local. As contradições também são evidentes, como já mencionado (Bosenbecker, 2022). Enquanto a imigração, em geral, e a imigração alemã, em específico, tem seu papel bem definido no processo de industrialização do norte, é no sul que nasce a grande indústria, justamente com imigrantes

alemães. Investigar os contornos das experiências dos alemães no sul ainda é desafio, mas novos trabalhos procuram evidenciar as especificidades e condições deste processo. Como já referi em outros momentos, a imigração alemã na região sul tem seus próprios caminhos, ou seja, é preciso entender os contextos locais, observar as especificidades da imigração na região e observar as consequências dessa imigração, que, evidentemente, são outras, diferentes das condições do norte.

Este trabalho é uma tentativa de construção de uma historiografia alternativa da imigração alemã, a partir do sul do Rio Grande do Sul, buscando delimitar os principais pressupostos, e elencar os trabalhos produzidos nos últimos anos sobre a temática. Apresentamos, primeiramente, algumas discussões iniciais sobre a delimitação da região sul, com especial ênfase em seu processo de colonização/imigração, passando para as principais discussões suscitadas pelas pesquisas mais atuais.

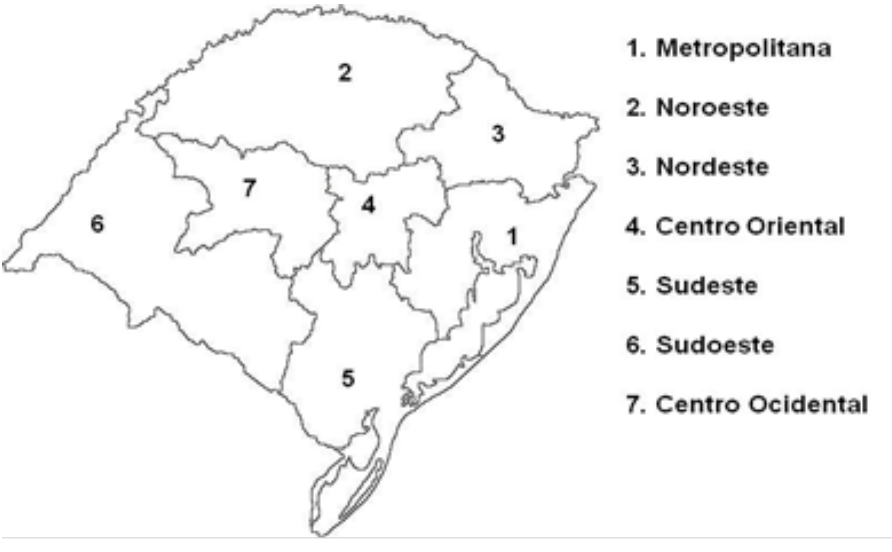
Por inúmeras questões, não será possível tratar da imigração alemã de caráter urbano neste texto. A imigração alemã para as principais cidades do nosso recorte, como Pelotas e Rio Grande, foi muito significativa, ao longo do tempo. Artífices, artesãos, operários, religiosos, empreendedores, e, especialmente, comerciantes, penetraram nessas cidades, estabelecendo uma sólida e diversa situação, se comparada com a da majoritária condição dos colonos da Serra dos Tapes, por exemplo. Além disso, cidades como Jaguarão, Bagé ou Piratini, entre tantas outras, receberam imigrantes, principalmente comerciantes. Apesar da presença de imigração alemã, especialmente urbana, pela Campanha e Fronteira, a produção histórica centraliza-se, contudo, em Pelotas e Rio Grande. Dois trabalhos são basilares sobre imigração urbana na região, o primeiro é da professora Beatriz Loner (2001), com a *Construção da Classe*, e o segundo do professor Silva Jr. (2004), com a tese *As sociedades de socorros mútuos*. No entanto, entre os trabalhos específicos sobre alemães em Pelotas, chamam atenção a dissertação de Quintana (2019), que investigou os hotéis de propriedade de alemães, que foram atacados durante a Segunda Guerra Mundial, com boa parte deles destruídos, além da pesquisa de Manke (2003) sobre a formação do bairro *Três Vendas*.

1 A colonização na Costa Doce

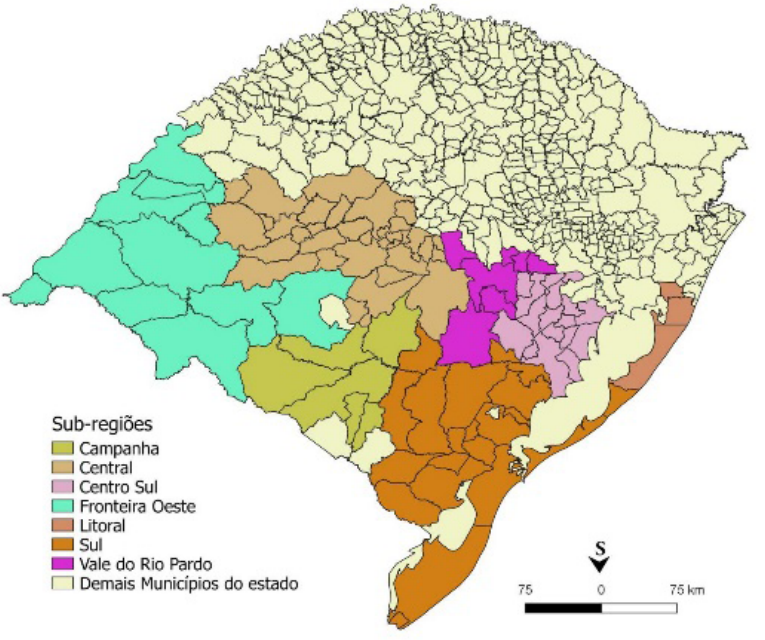
A primeira tarefa é buscar uma definição para a região sul, em termos de sua configuração sócio-histórica. Entre tais definições, uma leitura da configuração geográfica se faz necessária. Não utilizaremos, nesse trabalho, a noção de *metade sul*, comumente utilizada nos trabalhos que investigam os aspectos econômicos e as diferenças sociais entre sul e norte do

estado. Por *metade sul*, se entende um conjunto de 98 municípios, com 56,6% do território do estado, e cerca de 25% da população, incluindo municípios das mesorregiões Sudoeste e Sudeste, e de outras mesorregiões, inclusive cidades nas regiões centrais e metropolitana de Porto Alegre (Rückert *et al.*, 2002, p. 47, nota 3). Outra possibilidade para a noção de *metade sul* é apresentada no projeto de lei que criaria a *RIDE Metade Sul* (Região Integrada de Desenvolvimento da Metade Sul do Rio Grande do Sul). No projeto, a *metade sul* contempla cerca de 100 municípios, e está dividida em sete sub-regiões: Campanha; Central (incluindo Santa Maria, por exemplo), Centro Sul (incluindo Camaquã e São Jerônimo); Fronteira Oeste; Litoral; Vale do Rio Pardo; e Sul (Brasil, 2018).

Figura 1– Mesorregiões do RS x Metade Sul.



Fonte: IBGE, 2006.



Fonte: Soares; Sassi, 2019.

Já a *região sul* que aqui utilizamos, inclui as mesorregiões Sudoeste e Sudeste, que podem ser vistas na Figura 1, mas trocando as atuais cidades do vale do Rio Pardo e do Centro do estado, pela microrregião de Camaquã (incluindo Tapes, Dom Feliciano, Barra do Ribeiro, etc.), que, por sua vez, integra a mesorregião Metropolitana. Esta microrregião de Camaquã faz parte de um projeto turístico chamado *Costa Doce*[2], recorte que parece dar certo sentido ao nosso desenho geográfico. Os municípios integrantes desse roteiro turístico, como podemos notar pela Figura 2, a seguir, possuem alguma relação social, histórica e econômica, que nos interessa, particularmente, por se tratar da região que concentrou a colonização na *região sul*. Assim, em termos de colonização, a *Costa Doce* é a região que concentrou os projetos de colonizadores privados e do próprio Estado, que instalaram alemães, irlandeses, italianos, franceses e poloneses nas paisagens do extremo sul, ao longo do século XIX e início do XX.

2 A *Costa Doce* conta com os municípios divididos em duas partes: 1) CENTRO-SUL: Arambaré, Barra do Ribeiro, Camaquã, Dom Feliciano, Guaíba, Mariana Pimentel, São Lourenço do Sul, Sentinela do Sul, Sertão Santana, Tapes. 2) SUL: Arroio Grande, Canguçu, Cerrito, Chuí, Jaguarão, Pedras Altas, Pedro Osório, Pelotas, Pinheiro Machado, Piratini, Rio Grande, Santana da Boa Vista, Santa Vitória do Palmar, Turuçu.

Figura 2 – Municípios da Costa Doce.

Fonte: Viaje [...], 2023.

Divididas pelo Rio Camaquã, estão as duas principais áreas de colonização do sul do estado. O clássico mapa de Roche (1969), que pode ser visto na Figura 3, é ponto de partida importante para a constituição do processo migratório da região, mostrando, objetivamente, o papel central da Colônia São Lourenço (que no mapa ganhou o número 19), empreendimento privado, fundado em 1857-1858, que se tornou uma das maiores colônias alemãs do país. Logo após, é possível visualizar a Colônia São Feliciano (número 20 – que está na origem do município de Dom Feliciano), colônia do governo provincial, também fundada em 1857, mas que somente começaria a receber imigrantes na década de 1870, e apenas no final do século ganharia impulso com a chegada dos poloneses, embora também tenha recebido alemães. O mapa inclui ainda Barão do Triunfo (número 21), empreendimento do governo central, já no início da República, que parece ter se expandido, chegando a Mariana Pimentel. Esta região de colonização da Serra do Her-

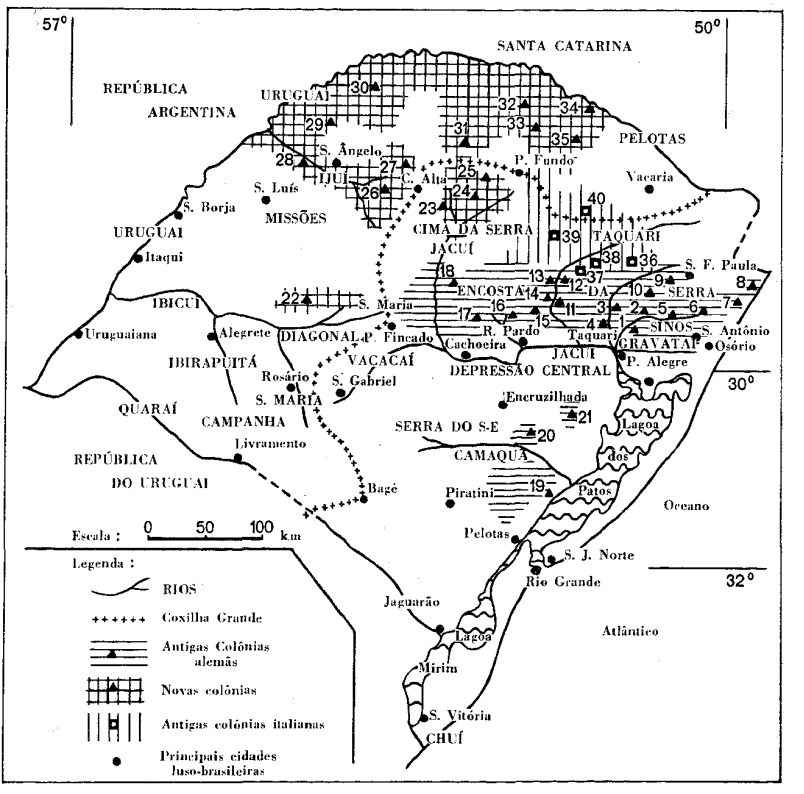
val, ao sul de Porto Alegre, limitada pelo Camaquã, é ainda pouco analisada pelos estudiosos da colonização alemã, tendo recebido imigrantes franceses[3], alemães, italianos e poloneses, destacando-se "os citados núcleos de colonização polonesa (Dom Feliciano e Mariana Pimentel), mas também Sertão Santana, de colonização alemã" (Gertz, 2011, p. 249).

Poucos estudos são encontrados sobre Sertão Santana, que abrigou ainda um empreendimento privado, fundada pela *Companhia colonizadora rio-grandense*, liderada pelo comendador Eduardo Secco. Ressalto o trabalho *Estudo da Gênese e das transformações da identidade de Sertão Santana* (Andrade; Rückert; Saldanha, 2006), da área da geografia. Se, neste primeiro conjunto de colonização, ao sul de Porto Alegre, as publicações ainda são escassas, do outro lado do rio Camaquã a situação se alterou, sensivelmente, nos últimos anos, muito embora São Lourenço sempre tenha recebido destaque, entre os principais escritores da imigração alemã.

No mapa de Jean Roche, as colônias aparecem praticamente isoladas na *região sul*, com São Lourenço dominando o cenário abaixo da linha do Rio Camaquã, corroborando a própria noção de Roche de ilhas da colonização. Quando descreve as áreas teuto-brasileiras, o autor as divide em três partes: as ilhas, as áreas do pé da Serra e do Planalto. Há duas ilhas realçadas pelo autor: o litoral norte e a região de São Lourenço (Roche, 1969, p. 179).

3 Entre os primeiros grupos a chegar a São Feliciano estavam os franceses. Conforme Betemps (1999, s/p), São Feliciano seria o quarto, e último, núcleo com franceses da então província, acabando por atrair diversos franceses que iam chegando ao RS. Depois de alguns anos de dificuldade, os franceses abandonaram São Feliciano partindo para uma colônia de iniciativa privada, Santo Antônio, em Pelotas.

Figura 3 – Colonização no RS.



O RIO GRANDE DO SUL E AS PRINCIPAIS COLÔNIAS

Antigas colônias alemãs: 1. São Leopoldo; 2. Nôvo Hamburgo; 3. Caí; 4. Montenegro; 5. Taquara; 6. Rolante; 7. Três Forquilhas; 8. Tôrres; 9. Gramado; 10. Nova Petrópolis; 11. Estrêla; 12. Roca Sales; 13. Arroio do Meio; 14. Lajeado; 15. Venâncio Aires; 16. Santa Cruz; 17. Candelária; 18. Sobradinho; 19. São Lourenço; 20. São Feliciano; 21. Barão do Triunfo.

Novas colônias: 22. Jaguari; 23. Selbach; 24. Não-Me-Toque; 25. Caràzinho; 26. Ijuí; 27. New Wurttemberg (Panambi); 28. Cêrro Azul; 29. Santa Rosa; 30. Três Passos; 31. Sarandi; 32. Erechim; 33. Getúlio Vargas; 34. Marcelino Ramos; 35. Sananduva.

Antigas colônias italianas: 36. Caxias; 37. Garibaldi; 38. Bento Gonçalves; 39. Guaporé; 40. Nova Prata.

Fonte: Roche, 1969.

São Lourenço, assim, mantinha sua supremacia e liderança na colonização, no extremo sul, mesmo que ainda não houvesse uma aprofundada análise de suas condições mais específicas. Autores geralmente denomina-

dos "clássicos" sempre mencionaram São Lourenço pelo seu importante papel, como em *Cem anos de Germanidade no Rio Grande do Sul*, na qual a colônia é descrita pelo grande contingente migratório, que chegou em 1879 a 860 famílias alemãs: "O mérito principal dessa colonização homogênea, cabe a seu fundador, que não mediu nenhum esforço, nem sacrifício ao se tratar de fortalecer a sua colônia com novos reforços. Por esta razão, Jakob Rheingantz se credencia a um lugar de honra entre os colonizadores" (Amstad, 2005, p. 94).

Em texto de 1982, a professora Hilda Flores, buscou explorar os dados sobre a Colônia São Lourenço, com o sugestivo subtítulo "um capítulo pouco estudado da colonização alemã no Rio Grande do Sul". No artigo, além da biografia do fundador da colônia, há tópicos sobre o estabelecimento e os contratos iniciais, a organização da colônia, seu desenvolvimento e as desordens e os conflitos. Já expondo os problemas agrários e os conflitos entre colonos e direção, Flores (1982, p. 70), também apontou que Ernesto Pellanda teria sido um dos primeiros a elencar, categoricamente, que Rheingantz era um dos responsáveis pelos problemas, devido à "ganância dos empresários" (Pellanda, 1925, p. 34). Rheingantz também perdeu parte de seu papel na interpretação de Oberacker Jr., que alegou que o empresário "desleixou na sua colônia o desenvolvimento de um centro urbano" (1968, p. 306), e, comparando-o a Hermann Blumenau, Oberacker Jr. (1968, p. 305-306) afirma:

> Não que, para Jacó Rheingantz, a colonização tenha sido uma simples especulação comercial ou apenas um caso de loteamento de terras. Apesar de que ele também se tivesse preocupado com o aspecto cultural da colonização não lhe foi possível praticar um ato cultural de tal amplitude como o fez Hermann Blumenau.

O debate historiográfico sobre o papel de Jacob Rheingantz na colonização centralizou boa parte das publicações e das discussões sobre imigração alemã no sul do estado, contudo, parece que Oberacker Jr. foi um dos únicos autores a chamar Jacob de Jacó (mas não Hermann de Germano). A família Oberacker sempre manteve uma posição duramente crítica sobre a atividade dos Rheingantz, pois viveu na região, por bom tempo, tendo, inclusive, o autor Oberacker Jr. nascido em Arroio do Padre, em agosto de 1910. Embora, na época em que os Oberacker estiveram na região colonial de Pelotas, os Rheingantz já haviam deixado a colônia, Oberacker (o pai) escreveu um texto, pouco conhecido até o momento, sobre a história de vida de Jacob (Oberacker Sr., 2010).

A discussão marcou, especialmente, as conjunturas locais, tendo princípio com um trabalho de Carlos Guilherme Rheingantz, publicado primeiro em alemão, e traduzido e publicado no almanaque organizado por Alfredo Ferreira Rodrigues (Rheingantz, 1909), no qual fala dos primeiros momentos da colônia, e aponta os primeiros dados mais substancias sobre a própria família Rheingantz. O trabalho de Carlos Guilherme (1909) foi a base para muitas leituras sobre São Lourenço e a família Rheingantz, ao longo do tempo, além de ser a base da obra de Vivaldo Coaracy (1957), uma das mais importantes do município, lançada por ocasião do centenário da colônia. Coaracy também teve acesso aos documentos da colônia, publicando cópias no livro, especialmente, da listagem de imigrantes e seus respectivos lotes coloniais. Tais documentos estavam em poder da família Rheingantz, na época.

Ainda em 1909, no mesmo almanaque, seria publicada uma resposta ao trabalho de Rheingantz, produzida por Augusto Moreira Paes (1909), genro de Oliveira Guimarães, fazendeiro e sócio de Rheingantz, na construção da colônia, mostrando que antigas disputas de terras ainda persistiam. Paes buscava mostrar que Rheingantz não estava sozinho, e cobrava a participação de Oliveira Guimarães e dos fazendeiros locais no empreendimento colonial. A disputa, portanto, saía do âmbito agrário para a historiografia.

Pesquisas mais recentes buscam investigar mais profundamente esses embates. A primeira, intitulada *Jacob Rheingantz e a colônia São Lourenço: da desconstrução de um mito à reconstrução de uma história,* foi realizada por Eduardo Iepsen, que explorou o conflito Rheingantz versus Oliveira Guimarães, bem como observou as formas de representações de Rheingantz, através da recuperação de memórias não-oficiais, e de documentos e discursos que transformam o fundador coloniais em formulador de condutas, um mito proclamado pela produção local.

Nos trabalhos centrais de Bosenbecker (2017, 2020), a discussão sobre as disputas agrárias de Rheingantz e Oliveira Guimarães também foi destacada, embora em *Uma colônia cercada de estâncias* apresente uma história social da inserção dos imigrantes em São Lourenço, buscando mapear os primeiros anos da imigração. Entre as questões agrárias, nota-se a construção da cidade de São Lourenço, projeto de Oliveira Guimarães, em parte de suas terras, fora da área colonial. No trabalho de Samila Pereira Ferreira (2010), *Políticas de memória, políticas de esquecimento: um estudo sobre a antiga zona portuária de São Lourenço do Sul*, a autora explora a constituição do porto local e das atividades mercantis através dos iates que abasteciam a localidade, remontando um passado mercantil e náutico, pouco estudado.

Através da paisagem cultural, a autora desvenda a história de grupos sociais esquecidos, mas ativos na construção da cidade. Ferreira (2010) também detalha as antigas casas comerciais do porto de São Lourenço, parte delas de imigrantes alemães, e significativas na composição econômica, social e cultural da região.

2 A criação de novas colônias e a expansão a partir de São Lourenço

Apesar de não ser o primeiro empreendimento colonial da região sul do estado, que em 1850 recebeu uma colônia de irlandeses, em Pelotas, a Colônia São Lourenço foi, certamente, a primeira colônia alemã do sul, tornando-se um dos maiores e mais importantes núcleos privados. Conforme pode ser visto na Figura 4, a seguir, a área inicial da colônia (em azul no mapa) recebeu imigrantes entre 1858 e início da década de 1870. Rumo sul, após o Arroio Grande, que corta a serra em direção à Lagoa dos Patos, há um conjunto importante de colônias pequenas, mas mais antigas (também em azul no mapa), entre as quais se destacam: Santa Clara, Santa Silvana, Bonito e Arroio do Padre. Ainda seguindo o desenho do mapa, podemos ver áreas de expansão, com novas colônias criadas, em amarelo, até 1887, e, após essa data, em verde. Em trabalho precursor, Marinês Z. Grando (1989, p. 73) mostrou que:

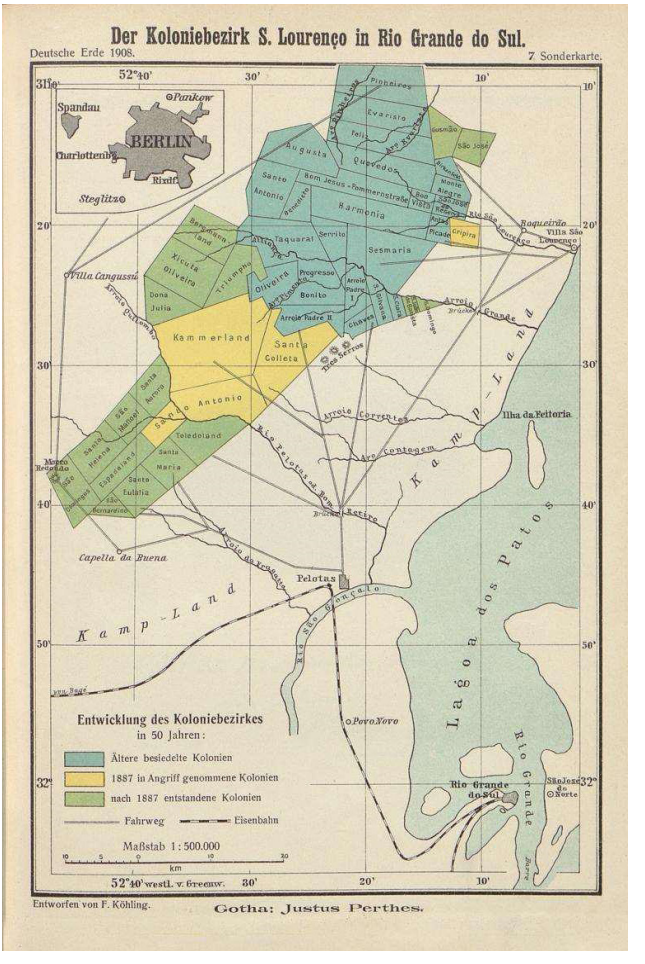
> A quantidade de terras incultas na Serra de Tapes, muito próximas de dois importantes mercados consumidores e exportadores, Rio Grande e Pelotas, favoreceu a expansão da colonização nessa região do Rio Grande do Sul, a partir do desenvolvimento de São Lourenço. Assim como a Colônia de São Leopoldo é considerada o fator de expansão dos núcleos agrícolas que avançaram para o Norte do Estado, a Colônia de São Lourenço é reputada como a origem dos núcleos do Sul.

Foi também Grando, que redescobriu o trabalho, originalmente publicado pela FEE, em 1984, do professor C. Otto Ullrich, que escreveu o texto em 1898, intitulado *As Colônias Alemãs no Sul do Rio Grande do Sul*, no qual ele (Ullrich) destaca 29 colônias em Pelotas, se dedicando a estudar a situação de 27 delas. O principal trabalho em termos de dados e fontes documentais sobre a colonização na região de Pelotas é de Leila Fetter (2002), com seus extensivos seis anexos, contendo mapas, quadros dos núcleos, relações de entradas, compradores de lotes, transações em cartórios e fichas produzidas pela pesquisa. Apesar de ser de difícil acesso, e, talvez por isso, pouco

utilizada pelos estudiosos da colonização, o trabalho apresenta dados e documentos imprescindíveis para a pesquisa do tema.

Pensar nas diferenças entre os empreendimentos e categorizar as colônias foi tentativa realizada por Bosenbecker (2019), que identificou cerca de 70 colônias na Serra dos Tapes, embora ainda haja muitas dúvidas sobre proprietários, além de divergências, dúvidas ou falta de informações sobre colônias e suas fundações. Destas colônias, apenas 52 foram avaliadas, juntamente com seus proprietários, sendo que 39 eram de pequeno porte (com menos de 100 lotes), 3 tinham acima de 100 lotes, e apenas uma colônia passou dos 250 lotes.

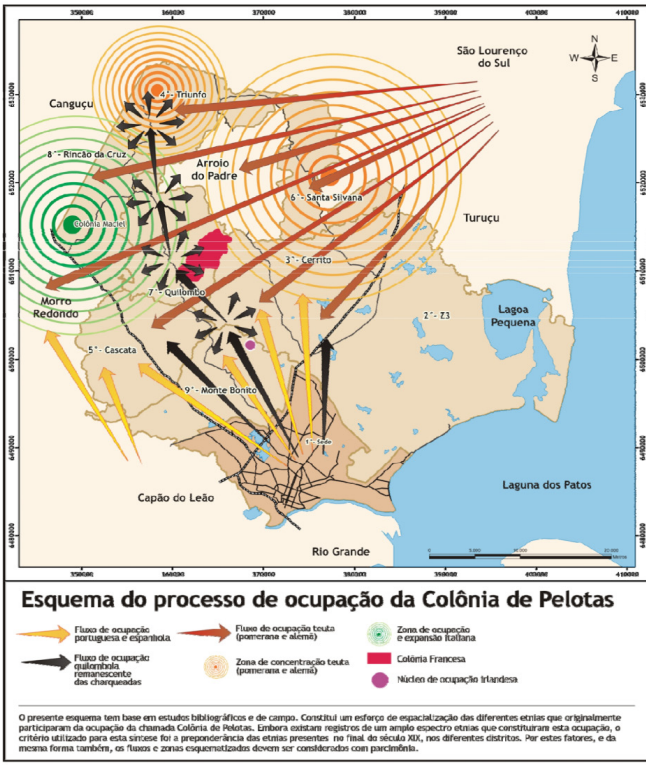
Figura 4 – A região colonial de São Lourenço/Pelotas.



Fonte: *Deutsche Erde* (1908).

O trabalho de Karen Melo da Silva (2009), *Patrimônio cultura, ruralidade e identidade territorial: diversidade na colônia de Pelotas-RS*, aborda a ruralidade contemporânea da região, que a autora chama colônia, isto é, todo o interior rural do município remanescente de colonização. Entrelaçando ruralidade, patrimônio e estudo de caso, apontando a valorização de vida, da ambiência e da paisagem das áreas rurais, Silva avalia o modo de vida, associado ao ambiente da colônia e à identidade cultural local. Trabalha ainda as implicações relacionadas à identificação das noções de patrimônio existentes perante os moradores da região colonial enquanto um amplo e heterogêneo território, devido às diferentes origens dos grupos colonizadores. A autora avalia Cerrito Alegre, Triunfo, Cascata, Santa Silvana, Quilombo, Rincão da Cruz e Monte Bonito, tornando-se trabalho imprescindível para aqueles que procuram entender a configuração social da região colonial, inclusive oferecendo diversos mapas, como o mapa da Figura 5, que nos indica as frentes de expansão da colonização, a partir da antiga colônia São Lourenço.

Figura 5 – Expansão da colonização na região Sul do RS.



Fonte: Silva, 2009, p. 127.

Como podemos observar na Figura 5, várias expansões e migrações podem ser percebidas em direção ao interior da Serra dos Tapes, contudo, nos interessamos pela expansão agrícola, a criação de novas colônias e a migração da antiga colônia de São Lourenço para as regiões de Morro Redondo, Arroio do Padre, Pelotas e Canguçu. Schneider (2003, p. 53) observa que os primeiros colonos alemães chegaram a Canguçu no início do século XX, adquirindo terras no 1º e 2º distritos do município, sendo mais expressivos um primeiro grupo, em 1906, e um segundo grupo migrante, em 1912. Ainda entre as novas leituras sobre a migração na região e a configuração social local, podemos ressaltar o trabalho de Jordana Fischer Bötefür (2021), *A história de Morro Redondo: contribuições para a história local*.

3 A historiografia e a identidade alemã-pomerana

Talvez a mais significativa ampliação dos trabalhos e pesquisas sobre colonização na região sul do estado seja referente aos trabalhos da imigração e cultura pomerana. Uma publicação introdutória e exemplo da virada nas pesquisas sobre história e cultura da imigração pomerana, no país e no sul do estado, é a edição da IHU ON-LINE, revista do Instituto Humanitas Unisinos, intitulada *Pomeranos: 150 anos de histórias e contradições* (Pomeranos [...], 2008), que apresenta uma série de entrevistas com pesquisadores e também políticos sobre o tema. Uma das entrevistas mais destacadas é a do pesquisador e professor Carmo Thum, intitulada *Silenciados pela hegemonia alemã*, na qual o autor estabelece sua análise sobre os pomeranos da antiga colônia São Lourenço:

> Com pouca participação política nas colônias alemães, os pomeranos "sempre foram representados. A ação política deles restringia-se nos domínios da comunidade", comenta Thum, que em seguida reitera: "A voz dos pomeranos não foi pronunciada e, nos casos em que aconteceu, não foi ouvida, porque era silenciada pelas estruturas locais de poder, que na maioria das vezes estavam nas mãos de imigrantes alemães". Além de sofrerem impactos culturais de seus conterrâneos, as crenças religiosas desse povo também foram criticadas e desvalorizadas, com o intuito de retirar-lhes a autoridade. "A decisão de se ter um pastor próprio da comunidade, que escolhia entre os seus um representante para assumir a tarefa dos ritos religiosos e educativos da comunidade foi vista pelas organizações germânicas do Brasil como algo sem fundamento, sem valor (Fachin, 2008, p. 16).

Para Thum (2009), a imigração pomerana no sul do estado se di-

ferencia, de modo singular, dos outros grupos imigrantes, inclusive dos alemães, tanto devido às conjunturas históricas quanto dos processos de isolamento e silenciamentos vividos pelos pomeranos. O silenciamento da cultura pomerana se deu "nas abas do poder", isso é, na escola, na religião, no comércio e na linguagem. Na vida cotidiana, tal silenciamento significou a manutenção de práticas, mas também a reinvenção, no encontro com outras culturas locais. Dessa maneira, na concepção do autor, é necessária uma educação comprometida, que respeite as diferenças e capacidades de reinvenção da cultura pomerana, pois:

> Pesquisar a cultura local da Serra dos Tapes ganha significado porque há relativamente poucos dados sobre a cultura regional, e os que existem, ou são de pequeno fôlego ou seguem a perspectiva hegemônica de incluir essa região dentro dos mesmos parâmetros conceituais dos grupos imigrantes alemães da região central do Rio Grande do Sul, tornando invisível, assim, a especificidade local. Há vasta bibliografia sobre o mundo imigrante, pouquíssima sobre a história da cultura local da Serra dos Tapes (Thum, 2009, p. 25).

Para Thum, os pomeranos estão submetidos à cultura hegemônica alemã, seja na vida religiosa ou política, limitando o acesso dos pomeranos ao trabalho na terra, enquanto outros grupos alemães/germânicos teriam mais acesso à vida pública e ao comércio. Tal condição de servidão está presente na região colonial da Serra dos Tapes. Assim, "em relação aos pomeranos, no processo de conflito entre os grupos, a classificação de procedência já os colocava em grau de exclusão, pois os grupos hegemônicos os consideravam de cultura menos desenvolvida" (Thum, 2009, p. 141). Nessa leitura em particular, os alemães hegemônicos são do eixo São Leopoldo – POA – Santa Cruz, embora o trabalho mostre que os outros alemães, ou germânicos em geral, tenham tais características. Portanto, conforme Thum, há, primeiramente, um silenciamento da cultura pomerana, em detrimento de uma cultura hegemônica alemã; depois, que poucos trabalhos pesquisavam a referida cultura, sendo papel de pesquisadores e educadores observarem e destacarem a condição pomerana; e, assim, uma identidade pomerana se constrói, em oposição a uma alemã. A tese de Carmo Thum abriu importante campo de estudos na região colonial mais ao sul do estado, contudo, outros trabalhos pensam a condição pomerana de formas diferentes.

Outros autores também procuram mostrar que os pomeranos não se enquadram como alemães. Segundo Kolling (2000), os pomeranos são a exceção entre os grupos étnicos germânicos, pois eles não se sentiam,

ou sentem, como parte do grupo germânico. Kolling (2008, p. 884) busca raízes históricas para o sentimento de pertença pomerano, chegando ao conflito do natal de 1867, que é chamado de levante dos pomeranos, e teria sido "uma forma de protesto popular contra a forma de semiescravidão e endividamento, bem como o não cumprimento de promessas da parte do colonizador Rheingantz"; portanto, o autor associa a condição de servidão e exploração do povo pomerano, que perdurou por séculos na Europa, às condições de exploração econômica vivenciadas pelos imigrantes inseridos em São Lourenço. A partir de tais conjunturas, uma união entre pomeranos é estabelecida.

Salamoni (2000), em trabalho pioneiro, buscou estudar a produção familiar em Santa Silvana, em Pelotas, analisando, especialmente, a constituição pomerana da imigração na região. As pesquisas da professora Giancala Salamoni (cf. Salamoni; Acevedo; Estrela, 1995) influenciaram pesquisas sobre cultura pomerana na região sul, desde a década de 1990. Um de seus mais importantes trabalhos é *A imigração alemã no Rio Grande do Sul: o caso da comunidade pomerana de Pelotas*, mas a leitura aqui ocorre a partir da condição camponesa e da agricultura familiar, como determinante positivo da constituição identitária. Nesse sentido: "As colônias agrícolas, assim formadas, reuniam condições que asseguravam a posse da terra aos agricultores, dando-lhes também aquele *sentimento de dignidade* necessário a quem trabalha e procura produzir: a propriedade dos seus meios de produção" (Salamoni, 2001, p. 15, *grifo nosso*).

Uma concepção mais crítica é oportunizada por Paulo Maltzahn (2011), que se debruçou mais efetivamente sobre a construção identitária local, avaliando o processo de constituição da identidade étnica teuto-brasileira, a partir da década de 1980, através de histórias de vida, repensando uma etnicidade teuto-brasileira em relação a apropriações simbólicas e produções de sentidos pela trajetória de vida, vivências familiares e comunidade. O autor também evidencia que a redefinição do conjunto de identificados étnicos está associada à autocompreensão da própria identidade étnica, mas também à mercantilização da identidade, pelo apelo político e econômico do poder público local. Inclui-se ainda uma discussão sobre o papel da municipalidade na criação de laços com a Alemanha, e do turismo histórico cultural. Neste sentido, ele avalia:

> Os imigrantes alemães, portanto, eram grupos étnicos distintos com diferenças significativas, falando seus respectivos dialetos, mas que perante a nova realidade, isto é, assentados em solo brasileiro e confrontados com uma cultura estranha, comparada com a de seus vizinhos de origem

> "germânica", desenvolveram entre eles um sentimento comum de pertencimento étnico (Maltzahn, 2011, p. 61).

Em sua tese, portanto, o conjunto de pertencimento étnico germânico é sentido pela maioria dos descendentes de alemães em geral, em São Lourenço do Sul. Ao entrevistar moradores locais, investigando suas identidades e visões, Maltzahn não encontra clara cisão entre as identidades, mas que em determinadas ocasiões há identificação com uma ou outra, tanto que usa "alemães" e/ou "pomeranos", em seu texto. Assim, questiona:

> Sabemos que a cultura "pomerana" não está clara para o coletivo étnico "pomerano", no momento, mas o comprometimento e a intervenção do educador e da universidade no processo de formação e construção da identidade étnica "pomerana", ou seja, sua emancipação, conforme defendido por Thum (2009), não seria também um processo de opressão cultural? [...]. A ideia de uma identidade "pomerana" separada da "alemã" deverá, portanto, partir do coletivo "pomerano". Assim, permanece outro questionamento: o que o coletivo "pomerano" quer efetivamente? (Maltzahn, 2011, p. 281).

Por sua vez, Gislaine Maltzahn (2011) estuda as transmissões familiares de valores e saberes entre descendentes de pomeranos na região de Pelotas, investigando os ciclos de vida dos pomeranos, a formação da identidade e da socialização. Além das crenças e das práticas presentes na memória familiar, Gislaine Maltzahn também observa e ressalta a importância da religiosidade luterana, em diferentes perspectivas, e de seus rituais, para a constituição da identidade familiar (e também local), intercruzada pela memória. Ao se debruçar intensamente sobre as transmissões culturais entre gerações familiares, a autora afirma:

> Considero que os distintos grupos étnicos que compõem a região *não podem ser vistos a partir de um olhar essencialista*, pois suas crenças, costumes e valores estão em constantes processos de re-significação ao longo do tempo. *Nem mesmo o grupo dos imigrantes pomeranos pode ser considerado como um grupo homogêneo*, já que possui em seu meio a presença de diferentes instituições religiosas ligadas ao luteranismo, cada qual com suas próprias práticas e especificidades, tal como foi demonstrado no texto, quando mencionei as crenças dos pomeranos das igrejas livres em contraste com aqueles vinculados as igrejas filiadas aos sínodos (Maltzahn, 2011, p. 124-125, *grifos nossos*).

4 Religiosidade e cultura nas configurações locais

A religiosidade também teve ampliada sua agenda de pesquisa na *região sul*. Um grande e diverso conjunto de trabalhos oferece um desenho da constituição religiosa da área de colonização, incluindo pesquisas sobre a constituição do Sínodo Missouri, do Sínodo Rio-Grandense, além das comunidades livres. Patrícia Weiduschadt (2007) busca entender a formação identitária do Sínodo Missouri, estabelecido na antiga colônia, nas primeiras décadas do século XX, ao abordar suas origens histórias e bases doutrinárias, ainda na Alemanha, com sua migração para os Estados Unidos, e expansão para o Brasil. Destaca o papel do sínodo na formação de pastores e professores, qualificando-os no trabalho religioso e escolar, a partir do primeiro seminário em São Lourenço, localizado no interior da comunidade pomerana. A autora também evidencia a formação de uma cultura escolar, na presença do sínodo na região. A relação entre as instituições escolares e a imigração na região de Pelotas são temas de interesse nesse campo (Weiduschadt; Castro, 2015).

Neste sentido, a interconexão entre religião e escola ganha incremento investigativo. Em texto mais recente, Karen Romig e Weiduschadt (2023) discutem as escolas particulares luteranas na Serra dos Tapes, entre 1938 e 1971, a partir de uma cultura material escolar, com ponto de partida na discussão das singularidades do processo de colonização alemã e pomerana, intercruzada com a intervenção da nacionalização do ensino. As autoras destacam as marcas de etnicidade do grupo, a partir de entrevistas e análise documental, e da análise de quatro instituições escolares particulares, ligadas a comunidades religiosas, nos municípios de Canguçu e Arroio do Padre (veja também Beiersdorf; Weiduschadt, 2013).

Importante trabalho sobre a religião na *região sul* é de Tamara Oswald, que investiga as comunidades livres de São Lourenço, no período de 1886 a 1945, justamente o intervalo de tempo no qual o Sínodo Rio-Grandense se espalha pelo interior, enviando pastores ordenados, filiando comunidades autônomas, e buscando novos fieis. Além disso, o Sínodo Missouri se instalaria na região da picada Bom Jesus, por volta de 1900. As chamadas comunidades livres permanecem em boa medida no contexto de disputa religiosa e institucional. Nesse sentido, Oswaldo (2014) também avalia o independentismo frente às discussões sobre o luteranismo, e como os distúrbios políticos e étnicos no período afetaram as comunidades. Com acesso a documentos importantes obtidos nas próprias comunidades, a autora desenha a história da religião evangélica na região colonial de São Lourenço, tornando-se trabalho imprescindível para a história da imigração alemã, e pomerana, na região.

Com o recorte em uma comunidade luterana livre, Vanessa Patzlaff Bosenbecker (2012) avalia a arquitetura dos descendentes de imigrantes pomeranos nas colônias Osório e Py Crespo, no distrito de Cerrito Alegre. A partir dos modos de construir e organizar as funções das propriedades, a partir de famílias que são a terceira geração de pomeranos na região. A dissertação é enriquecida com mapas, plantas baixas e fotos de residências da comunidade, que busca manter tradições, conservando algumas características dos antepassados, mas, por motivos diversos, com alterações, acrescentando algumas características à nova realidade, especialmente, mas não somente, pela falta de determinados materiais de construção.

Também no âmbito da religiosidade, da memória e dos ritos, através das manifestações que são passadas de geração para geração, encontra-se o trabalho de Airton A. Iepsen (2022), na área de Mestrado Profissional de História, que descreve os processos religiosos, avançando sobre as benzeduras e superstições da região colonial pomerana. No âmbito do patrimônio cultural, inúmeros trabalhos têm ressaltado a preservação e a salvaguarda tanto do patrimônio histórico, através de museus, por exemplo, mas também da comida, da música e do idioma. Nesta linha, o extenso trabalho Cristiano Gehrke (2018) avalia os acervos fotográficos do museu da imigração pomerana e de outros museus das imigrações francesa e italiana na região, proporcionando uma recente revisão historiográfica das migrações na região.

Observando a emergência de novos sujeitos de direito no campo do patrimônio cultural, tanto naquilo que tange às políticas públicas, patrimônio e tradição, há um discurso de valorização, e um resgate e uma preservação da cultura das famílias camponeses de origem pomerana. Assim, Krone (2014), em seu trabalho *Comida, memória e patrimônio cultural: a construção da pomeraneidade no extremo sul do Brasil*, explora, atentamente, as ações e as políticas locais, destacando o turismo rural e as comemorações de cunho étnico. Neste contexto, se insere a alimentação pomerana como patrimônio cultural.

No âmbito da música, o trabalho de Danilo Kuhn da Silva (2016) busca valorizar e salvaguardar a cultura pomerana, através de um projeto realizado em escolas, a partir das canções tradicionais pomeranas. Dessa forma, destaca-se a interconexão entre a emigração pomerana e as realidades cotidianas na Serra dos Tapes. Já na sua tese, Kuhn da Silva (2019) proporciona uma etnografia musical pomerana no sul, com reflexões sobre memória, identidade e patrimônio cultural, inclusive com releituras e análises sobre a historiografia até então produzida sobre representações identitárias na região. Apesar de evidente hibridismo, o autor mostra que a música alemã/

pomerana permanece ligada às suas raízes, ao seu passado presente e suas tradições musicais, em um ponto de equilíbrio cultural, na qual a comunidade local a reconhece e respalda.

Já as pesquisas no âmbito da linguística também ganharam fôlego, sendo um dos campos com mais trabalhos produzidos. Diante disso, entre os trabalhos dedicados a estudar a manutenção da língua pomerana, abordo a pesquisa de Daiane Mackedanz (2016) inscrito na análise do contato linguístico entre português e pomerano, e em como o contato com o português afeta a manutenção do pomerano, na comunidade de Santa Augusta. Mackedanz observa a constituição de uma identidade bilíngue desde a pré-escola até o 9º ano do ensino fundamental. Embora se fale pomerano em casa, em família e na lavoura, na igreja e na escola é falado o português, contudo em algumas interações aluno-aluno, alguns preferem o pomerano, mesmo na escola.

Escritores locais também têm apresentado suas contribuições, seja na literatura (Costa, 2007), na história, com, por exemplo, os vários volumes do Dr. Edilberto Luiz Hammes (2010), ou na genealogia, ressaltando: a nova "bíblia" da genealogia da região colonial (Hammes, 2017); além de *Recortes da imigração alemã em Pelotas* (Heidrich, 2017); e *Um bávaro entre os pomeranos* (Freitas Jr., 2020).

5 As relações interétnicas: particularidades em Canguçu

Em trabalho pioneiro, Dilza Pôrto Gonçalves (2008) apresenta investigação importante sobre as relações interétnicas em Canguçu, abordando as identidades germânicas, o grupo denominado "alemães", mas também as categorias "pomeranos" e "alemães legítimos", seu contato com "brasileiros" e "negros". A autora evidencia que "embora seja uma região predominante de colonizadores lusos, é comum ouvir frases do tipo: 'os alemães já estão dominando tudo'; 'os alemães são mais trabalhadores que os brasileiros'" (Gonçalves, 2008, p. 31). A autora, na sua pesquisa sobre identidade germânica, manteve parte de seu foco na Congregação Luterana Manuel do Rego, que integra a Igreja Evangélica Luterana do Brasil, mas era composta por membros em sua maioria negros.

Gonçalves (2008, p. 94) também percebe que parte da população negra daquela região entende o dialeto pomerano. Ao observar os corais das igrejas de duas congregações (Manoel do Rego e Redentora), a autora evidencia que, "enquanto no coral da Manuel do Rego só havia negros, homens e mulheres de idades variadas, no coral da Redentora havia somente homens, 'alemães' e 'negros', e, segundo os membros do coral, 'não existe

nenhum 'brasileiro'" (Gonçalves, 2008, p. 111-112). A autora conclui que "o trabalho, a igreja e os jogos de futebol são os espaços em que 'alemães', 'negros', 'pomeranos' e 'brasileiros' convivem melhor com as diferença", e que, em parte, a aproximação entre negros e pomeranos "pode ser resultado de trajetórias de dificuldades e aceitação semelhantes (respeitadas aqui as especificidades de cada grupo)", e os afastamentos foram sentidos, em certo período de tempo, na igreja, e, em geral, nas relações afetivas (Gonçalves, 2008, p. 136).

Outro trabalho que integra os estudos sobre relações interétnicas é a dissertação transformada em livro de Schneider (2017), a partir do estudo de quilombolas e descendentes de pomeranos, nos limites de Pelotas e Canguçu. O livro mostra invisibilidades e visibilidades construídas a partir do processo de formação social da região, mas também por políticas públicas. A pesquisa aborda a comunidade quilombola do Algodão e a comunidade da Favila, bem como a colônia Triunfo, mostrando realidades locais da atualidade, sob viés da antropologia.

Já o texto *Afro-pomeranos: entre a Pomerânia lembrada e a África esquecida* (Weiduschadt; Souza; Beiersdorf, 2013, p. 251) busca refletir o contexto de interação étnica entre afrodescendentes e pomeranos, a partir da escola e da igreja "como espaços sociais, onde a Pomerânia e África, como origem de diáspora, podem reescrever a identidade destes dois grupos em um cenário de luta e reconhecimento de seus direitos e presença na construção da nação brasileira". O texto, a partir da questão evidenciada pela lei 10.639 sobre a formação docente e discente, repensa a escola como uma instituição social imersa em uma sociedade plural, do ponto de vista étnico e cultural, caso explicitado ao se deparar com os afro-pomeranos ou pomeranos negros de Canguçu, Arroio do Padre e São Lourenço do Sul. O artigo tem o objetivo de compreender como se deram tais relações entre os grupos, com base em processos históricos e sociais diferenciados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muito se tem avançado nas pesquisas sobre a colonização alemã no sul do Rio Grande do Sul, e o texto aqui produzido tem por objetivo detalhar alguns desses avanços. Trabalhos sobre a configuração histórico-social da região colonial, da preservação da memória e das representações, entre suas lideranças, no estudo do patrimônio material e cultural, na educação e na religiosidade local, e, fundamentalmente, os trabalhos centrados na cultura pomerana. Dessa forma, o artigo aqui apresentado buscou mostrar as mais novas produções, pelo menos aquelas produzidas do ano 2000 até os dias atuais, que, embora cientes da escrita "consagrada" sobre os alemães

no sul do estado, redesenham as configurações da imigração e colonização na região sul.

Alguns fatores contribuem para a ampliação e disseminação dos trabalhos. O primeiro deles envolve a expansão dos cursos de pós-graduação no sul do Rio Grande do Sul, com a criação de cursos de mestrado, e depois doutorado, especialmente, mas não exclusivamente, na Universidade Federal de Pelotas, marca uma renovação da geração de pesquisadores em diversas áreas, particularmente nos programas de pós-graduação de Memória Social e Patrimônio Cultural, História, Educação e Sociologia (antes Ciências Sociais). Um segundo fator é a própria expansão da universidade, que ganhou novos *campi*, em muitos municípios, garantindo acesso de novos grupos sociais à formação acadêmica, por um lado, mas também, por outro, levando demandas de pesquisadores para a universidade. Possibilitando assim, talvez, uma maior aproximação entre universidade e as comunidades que a cercam.

Outro importante fator é o aumento do interesse de pesquisadores e pesquisadoras na história local, fato que envolve investigar novos locais, novos sujeitos e novas perspectivas. O que exige espaços de preservação, releituras históricas, acesso a fontes documentais, entre tantas outras demandas da pesquisa. Coisa que não é, ou não deveria ser, apenas perspectiva e preocupação dos pesquisadores acadêmicos. Aquilo que evidencia a mais importante crítica que envolve a continuidade do desenvolvimento da história da colonização alemã do sul é justamente o acesso aos documentos históricos, a criação (e institucionalização) dos arquivos e acervos, bem como o cuidado e o rigor exigidos pela pesquisa histórica.

REFERÊNCIAS

ALTENBURG, Patrícia Schneid. *Deutsche in Brasilien*: A trajetória da construção histórica da comunidade de São Lourenço do Sul. 2021. TCC (Licenciatura em História) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2021.

AMSTAD, Theodor. *Cem anos de Germanidade no Rio Grande do Sul*. 1824-1924. Tradução Arthur Blasio Rambo. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2005.

ANDRADE, Marli Tereza Michelsen de; RUCKERT, Aldomar Arnaldo; SALDANHA, Dejanira. Encontro Estadual de Geografia (24. Santa Cruz do Sul, RS). *Anais [...]*. Porto Alegre: AGB, 2006.

BEIERSDORF, Cassia Raquel; WEIDUSCHADT, Patrícia. Arroio do Padre /RS e sua identidade luterana: Práticas de educação e cultura de uma comunidade (1950-1960). *Revista Latino-Americana de História*, São Leo-

poldo, vol. 2, n. 7, p. 1-17, 2013.

BETEMPS, L. R. Aspectos da colonização francesa em Pelotas. *História em Revista*, Pelotas, vol. 5, n. 5, 1999.

BÖHLKE, Moacir. A colônia particular de São Lourenço: seu contexto dentro do processo colonial do Rio Grande do Sul. Monografia (Licenciatura em História) – Universidade Federal de Pelotas, 2003.

BONOW, Nathália. *A escola como lugar de preservação da cultura pomerana em Arroio do Padre/RS:* um estudo de caso. Artigo Científico (Especialização em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, 2022.

BOSENBECKER, P. A colonização privada na Serra dos Tapes/RS: perfil dos colonizadores e as disputas entre fazendeiros brasileiros e investidores estrangeiros. In: RAHMEIER, Andrea Helena Petry; MÜHLEN, Caroline von; GEVEHR, Daniel Luciano; SANTOS, Rodrigo Luiz dos (Orgs.). *Migrações, educação e desenvolvimento: convergências e reflexões*. 1ed. Porto Alegre: Editora Fi, 2019, vol. 2, p. 353-368.

BOSENBECKER, P. Elites imigrantes alemãs no sul do Rio Grande do Sul: redes, transnacionalismo e empreendedorismo. In: MONSMA, Karl (Org.). *Passado e presente de imigrantes alemães e descendentes no Brasil*: historiografia, representações, atividades econômicas, participação política, religião e identidades. Porto Alegre: Editora Fundação Fênix, 2022, p. 81-110.

BOSENBECKER, P. *Três gerações de empreendedorismo*: capital e laços sociais entre Brasil e Alemanha a partir do estudo de caso da família Rheingantz. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

BOSENBECKER, P. *Uma colônia cercada de estâncias*: a inserção de imigrantes alemães na colônia São Lourenço/RS (1857-1877). Pelotas: EdUFPel, 2020.

BOSENBECKER. Vanessa Patzlaff. *Influência Cultural Pomerana Permanências e Adaptações na Arquitetura Produzida Pelos Fundadores da Comunidade Palmeira Cerrito Alegre*, Terceiro Distrito de Pelotas (RS). Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) – Universidade Federal de Pelotas, 2012.

BÖTEFÜR, Jordana Fischer. *A história de Morro Redondo*: contribuições para a história local. Pelotas, TCC (Bacharelado em História) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2021.

BRASIL. Senado Federal. *Projeto de lei n. 129, de 2018 (Complementar)*. Auto-

riza o Poder Executivo a criar a Região Integrada de Desenvolvimento da Metade Sul do Rio Grande do Sul e instituir o Programa Especial de Desenvolvimento da Metade Sul do Rio Grande do Sul. Brasília, DF: Senado Federal, 2018.

CERQUEIRA, Fábio Vergara. Serra dos Tapes: mosaico de tradições étnicas e paisagens culturais. *Anais do IV SIMP: Memória, patrimônio e tradição*. UFPel, 2010, p. 872-874. Disponível em: <http://simpufpel.files.wordpress.com/2010/09/mesa-serra-dos-tapes.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2023.

COARACY, Vivaldo. *A Colônia São Lourenço e o seu fundador Jacob Rheingantz*. São Paulo: Saraiva, 1957.

COSTA, Jairo Scholl. *O Pescador de Arenques*. Pelotas: EDUCAT, 2007.

DEUTSCHE ERDE. *Zeitschrift für Deutschkunde*: Beiträge zur Kenntnis deutschen Volkstums allerorten und allerzeiten. Gotha: Iuftus perches, 1908.

FACHIN, Patrícia. Carmo Thum: Silenciados pela hegemonia alemã. POMERANOS: 150 anos de histórias e contradições. *IHU ON-LINE*, Revista do Instituto Humanitas Unisinos, São Leopoldo, 1 set. 2008, edição n. 271, p. 16-19. Disponível em: <https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/2092-carmo-thum>. Acesso em: 15 mar. 2010.

FERREIRA Maria Leticia Mazzucchi, HEIDEN, Roberto. Políticas patrimoniais e reinvenção do passado: os pomeranos de São Lourenço do Sul, Brasil. *Cuadernos de Antropología Social*. FFyL – UBA, n. 30, p. 137-154, 2009.

FERREIRA, Samila Pereira. *Políticas da memória, políticas do esquecimento:* um estudo sobre a antiga zona portuária de São Lourenço do Sul. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2010.

FETTER, Leila Maria Wulff. *A colonização ocorrida na área rural de Pelotas na segunda metade do século XIX.* Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Social). Universidade Católica de Pelotas, 2002.

FLORES, Hilda Agnes Hübner. A colônia São Lourenço. *Estudos Ibero-Americanos*, vol. 8, n. 1, p. 63-81, 1982.

FREIRE JÚNIOR, Alceu. *Um bávaro entre os pomeranos*. A história do imigrante Rudolf e a genealogia da família Zehetmeyer no Brasil. [*S. l.: s. n.*], 2020.

GEHRKE, Cristiano. *Imagens e cotidiano de imigrantes alemães, franceses, italianos e seus descendentes na Serra dos Tapes/RS*: descrição e interpretação dos acervos fotográficos do Museu da Imigração Pomerana, Museu da Colô-

nia Maciel e Museu da Colônia Francesa. Tese (Doutorado em Memória Social e Patrimônio Cultural) – Universidade Federal de Pelotas, 2018.

GERTZ, René E. A colonização no período Republicano – segunda fase. In: CARELI, Sandra da Silva; KNIERIM, Luiz Claudio (Orgs.). *Releituras da História do Rio Grande do Sul.* Fundação Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore. Porto Alegre, CORAG, 2011, p. 243-264.

GONÇALVES, Dilza Pôrto. *A memória na construção de identidades étnicas*: um estudo sobre as relações entre "alemães" e "negros" em Canguçu. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

GRANDO, Marinês Zandavalli. Pequena agricultura em crise: o caso da Colônia Francesa no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: FEE (teses nº 14), 1989.

HAMMES, Edilberto Luiz. *Dicionário de Sobrenomes de origem alemã de São Lourenço do Sul e as colônias adjacentes*. São Leopoldo: Studio Zeus, 2017.

HAMMES, Edilberto Luiz. *São Lourenço do Sul: Radiografia de um município* – das origens ao ano 2000. Vol. 1, 2, 3 e 4. São Leopoldo: Ed. Studio Zeus, 2010.

HEIDRICH, Denise Nogueira (Org.). *Recortes da imigração alemã em Pelotas - 1858 a 1928*. Os imigrantes Neutzling, Halfen, Schneid, Seus, Heidrich, Leitzke e Brod. Pelotas: Editora Livraria Mundial, 2017.

IEPSEN, Airton Fernando. *Uma narrativa da religiosidade do povo pomerano em São Lourenço do Sul*. Dissertação (Mestrado Profissional em História), Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2022.

IEPSEN, Eduardo. *Jacob Rheingantz e a colônia São Lourenço*: da desconstrução de um mito à reconstrução de uma história. Dissertação (Mestrado em História). São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2008.

KOLLING, Nilo Bidone. A presença teuta a partir de São Lourenço do Sul/RS. *Anais do 9º Seminário Nacional de Pesquisadores da História das Comunidades Teuto-brasileiras* (2006). Entre vales e serras: fronteiras. São Leopoldo: Casa Leiria, 2008. p. 867-892. CD-ROM – ISBN: 987.85.61598.01.3

KOLLING, Nilo Bidone. *Educação e escolas em contextos de imigração pomerana no sul do Rio Grande do Sul – Brasil*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, 2000.

KRONE, Evander Eloí. *Comida, memória e patrimônio cultural*: a construção da pomeraneidade no extremo sul do Brasil. Dissertação (Mestrado em

Antropologia) – Universidade Federal de Pelotas, 2014.

LONER, Beatriz Ana. *Construção da classe*. Operários de Pelotas e Rio Grande (1888-1930). Pelotas: Ed. UFPel, 2001.

MACKEDANZ, Daiane. *O papel da identidade para a manutenção do pomerano na Serra dos Tapes, RS*. Pelotas, Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Pelotas, 2016.

MALTZAHN, Gislaine Maria. *Família, ritual e ciclos da vida*: estudo etnográfico sobre narrativas pomeranas em Pelotas (RS). Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Pelotas, 2011.

MALTZAHN, Gislaine Maria. *Um casalzinho novo para a comunidade*: etnografia de um casamento pomerano, São Lourenço do Sul (RS). Monografia (Graduação em História) – Universidade Federal de Pelotas, 2007.

MALTZAHN, Paulo César. *A construção da identidade étnica teuto-brasileira em São Lourenço do Sul (década de 1980 até os dias atuais)*. Tese (História Cultural) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

MANKE, Lisiane Sias. *Uma pequena Alemanha em Pelotas*: formação do bairro Três Vendas; 2003. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Federal de Pelotas, 2003.

OBERACKER JR., Carlos H. *A contribuição teuta à formação da nação brasileira*. 2ed. Rio de Janeiro: Presença, 1968.

OBERACKER, Sr., Karl H. *Fahrt und Tat des Jakob Rheingantz*. Herausgeber: Freudeskreis der Burg Sponheim e. V., 2010.

OSWALD, Tamara. *Comunidades luteranas livres em São Lourenço do Sul (1886-1945)*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Pelotas, 2014.

PAES, Augusto Moreira. A Colônia São Lourenço. In: RODRIGUES, Alfredo Ferreira. *Almanak literário e estatístico do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Pinto e Cia/Livraria Americana, 1909, p. 164-167.

PELLANDA, Ernesto. *A colonização alemã no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Oficinas gráficas da Livraria do Globo, 1925.

PODEWILS, Denise Oswald. *Colonização germânica*: a colônia de São Lourenço e suas particularidades. Monografia (Licenciatura em História) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2011.

POMERANOS: 150 anos de histórias e contradições. *IHU ON-LINE*, Revista do Instituto Humanitas Unisinos, São Leopoldo, 1 set. 2008, edição n. 271. Disponível em: https://www.ihuonline.unisinos.br/edicao/271 Acesso em: 15 mar. 2010.

QUINTANA, Caroline Beskow. *Hotelaria alemã na década de 1940*: o quebra-quebra nos hotéis pelotenses. Pelotas, Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humana, Universidade Federal de Pelotas, 2019.

RHEINGANTZ, Carlos Guilherme. Colônia de São Lourenço. Breve Histórico de sua fundação, extrahido das notas do archivo de seu fundador Jacob Rheingantz. In: RODRIGUES, Alfredo Ferreira. *Almanak literário e estatístico do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Pinto e Cia/Livraria Americana, 1909, p. 143-164.

RIO GRANDE DO SUL. *Plano de ação regional – Turismo RS. Costa Doce.* 2014. Disponível em: <https://www.cultura.rs.gov.br/upload/arquivos/carga20180652/28095229-planejamentocosta-doce.pdf>. Acesso em: 06 nov. 2023.

ROCHE, Jean. *A colonização alemã e o Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Ed. Globo, 1969.

ROMIG, K. L. K.; WEIDUSCHADT, P. Escolas particulares luteranas da Serra dos Tapes – RS (1938-1971): aspectos de uma cultura material. *História da Educação*, vol. 27, 2023.

RÜCKERT, I. N.; BORSATTO, M. L.; RABELO, M. *As Finanças Municipais e os Gastos Sociais no Rio Grande do Sul –1995-1999.* Porto Alegre: Fundação de Economia e Estatística Siegfried Emanuel Heuser, 2002. — (Documentos FEE; n. 50).

SALAMONI, Giancarla. A imigração alemã no Rio Grande do Sul: o caso da comunidade pomerana de Pelotas. *História em Revista*. Pelotas, vol. 7, n. 1, 2001.

SALAMONI, Giancarla. *Produção familiar*: possibilidades e restrições para o desenvolvimento sustentável – o exemplo de Santa Silvana – Pelotas – RS. Tese (Doutorado em Geografia). Rio Claro, Universidade Estadual Paulista, 2000.

SALAMONI, Giancarla; ACEVEDO, Hilda Costa; ESTRELA, Ligia Costa (Coord.). *Valores culturais da família pomerana no Rio Grande do Sul* – Pelotas e São Lourenço do Sul. Pelotas: Ed. Universitária, 1995.

SCHNEIDER, Marlene Lemke. O desenvolvimento econômico de Canguçu. In: SCHIVAON, Carmen G. Burgert (Org.). *Anais do Seminário Regional de História*: O município de Canguçu em debate. 1ª ed. Pelotas: Educat, 2003.

SCHNEIDER, Maurício. *Identidades em rede*: um estudo etnográfico entre quilombolas e pomeranos na Serra dos Tapes. Pelotas: Ed. UFPel, 2017.

SILVA JR., Adhemar Lourenço da. *As sociedades de socorros mútuos*: estratégias privadas e públicas (estudo centrado no Rio Grande do Sul-Brasil, 1854-1940). Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

SILVA, Danilo Kuhn da. "O casamento da vovó": uma canção pomerana emigrante. *Saeculum*, n. 35, p. 7-24, 2016.

SILVA, Karen Melo da. *Patrimônio cultural, ruralidade e identidade territorial*: diversidade na Colônia de Pelotas – RS. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Pelotas, 2009.

SILVA, Tieissa Fonseca da. *Os pomeranos no município de Canguçu/RS*: uma leitura a partir dos códigos culturais. TCC (Licenciatura em Geografia) – Universidade Federal de Pelotas, 2021.

SILVEIRA, Maria Helena Moreira da. Os pomeranos na história de Canguçu. In: SCHIVAON, Carmen G. Burgert (Org.). *Anais do Seminário Regional de História*: O município de Canguçu em debate. 1ª ed. Pelotas: Educat, 2003, p. 85-91.

SOARES, P. R. R.; SASSI, L. O. A RIDE Metade Sul do Rio Grande do Sul e as escalas do planejamento regional. *Boletim Geográfico do Rio Grande do Sul*, Porto Alegre, n. 34, p. 124-134, 2019.

THUM, Carmo. *Educação, história e memória*: silêncios e reinvenções pomeranas na Serra dos Tapes. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2009.

ULLRICH, C. O. *As colônias alemãs no sul do Rio Grande do Sul*. História em Revista, vol. 5, n. 5, 1999.

VIAJE pela Costa Doce Gaúcha. Way Content/SEBRAE-RS, 2023.

WEIDUSCHADT, P.; CASTRO, R. B. de. Instituições escolares e imigração na região colonial de Pelotas/RS (1928-1953). *HISTÓRIA UNICAP*, vol. 2, n. 4, p. 170-185, 2015.

WEIDUSCHADT, P.; SOUZA, M. T.; BEIERSDORF, C. R. Afro-pomeranos: entre a Pomerânia lembrada e a África esquecida. *Identidade!*, vol. 18, n. 2, p. 249-263, 2013.

WEIDUSCHADT, Patrícia. *O Sínodo de Missouri e a educação pomerana em Pelotas e São Lourenço do Sul nas primeiras décadas do século XX*: identidade e cultura escolar. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2007.

Recebido em: 30/11/2023

Aceito em: 15/02/2024